

# Expectativas e demandas da família em relação ao papel da escola básica: um estudo de caso

**Regina Helena Moraes**

Mestrado em Educação - Universidade Federal de São Carlos  
Professora do Centro Universitário Anhanguera - Unidade Pirassununga  
e-mail: regina\_moraes@hotmail.com

## ■ Resumo

Este estudo de caso tem por objetivo precípua investigar junto aos pais suas expectativas em relação ao papel da escola básica na vida de seus filhos; confrontar tais expectativas com a literatura estudada, bem como elaborar uma proposta educacional que possa atender as suas expectativas em relação à educação básica no contexto da modernidade. Para sua execução foram realizadas quatro entrevistas com mães da cidade de São Carlos e, na parte que concerne aos resultados, os pais apontam posições que vão ao encontro daquilo que a literatura encerra sobre o tema, além de darem sugestões para aquilo que a escola deveria “fazer” e “ensinar”.

**Palavras-chave:** educação básica, papel da escola, comunidade escolar, currículo.

## ■ Abstract

This case study has for objective to investigate their parents expectations close to in relation to the paper of the basic school in their children's life; to confront such expectations with the studied literature, as well as to elaborate an education proposal that can assist their expectations in relation to the basic education in the context of the modernity. For its execution four interviews were accomplished with mothers of the São Carlos city

and, in the part that concerns to the results, the parents point positions that are going to the encounter from that that the literature contains on the theme, besides they make suggestions for that that the school should “do” and to “teach.”

**Key-words:** basic education, paper of the school, school community, curriculum.

## ■ Introdução

Às portas do século XXI, os países do terceiro mundo deparam-se com um cenário estonteante de insucessos e fracassos escolares, deixando o Brasil em extrema desvantagem social, econômica, política e tecnológica diante dos países de primeiro mundo.

No Brasil, o acesso da população à Educação Básica já está praticamente universalizado, fato que é um avanço social se comparado ao que havia há pelo menos 70 anos atrás, quando a escolarização era privilégio de apenas uma parcela da população: a classe dominante.

Mais recentemente, os dados estatísticos (Mello (1993), Ribeiro (1991) e outros) apontam que, embora o acesso já esteja universalizado, resta garantir a permanência e a qualidade de ensino aos alunos que ainda buscam a escola como única via de acesso ao saber formal.

De acordo com Mello (1993), o quadro educacional brasileiro é representado da seguinte forma:

Cerca de 95% das crianças de cada geração, em algum momento de suas vidas tiveram acesso à 1ª série do ensino fundamental. Quanto à população de 7 a 14 anos, 81% estão freqüentando a escola fundamental e 2% a pré-escola. Os 17% que não freqüentam escola enquadram-se nas seguintes situações: i) 4% das crianças estão aguardando ingresso devido ao índice de 50% de repetentes na matrícula da 1ª série; ii) 8% já tiveram acesso à escola a abandonaram antes de completarem 14 anos; iii) dos 5% restantes que não têm acesso 80% vivem no nordeste rural pobre”. (MELLO, 1993, p.43:44).

Diante disso, vários estudiosos apontam possíveis causas do fracasso escolar que, muitas vezes, são inerentes à criança. Dentre elas destacam-se: teorias organicistas: baseadas na congenitabilidade e hereditariedade, ou seja, o fracasso escolar se dá por disfunções neurológicas ou retardo na maturação (Collares (1996), Moyses (1996), Baeta (1992), Sucupira (1990); explicações psicogenéticas; a dificuldade de aprendizagem está ligada às situações vivificadas pela criança ao longo de seu contato interpessoal em contextos sócio-culturais (Baeta (1992), Carraher (1998), Patto (1990); carência nutricional: os estudos referem-se aos danos possíveis da desnutrição ao SNC, prejudicando o desenvolvimento cognitivo e intelectual (Moyes e Collares (1996); fracasso escolar como resultante dos determinantes sócio-econômicos: o fenômeno atinge maciçamente as classes sociais mais pobres, que encaram esse fato como norma, “algo natural”. Cabe salientar que especialmente neste item outras explicações se depreendem - carências emocionais e familiares, falta de estimulação, preconceitos raciais, sociais e econômicos que se tornaram juízo de valor e/ou alibi na sociedade a fim de justificar inúmeras iniquidades sociais e educacionais. Diante dessas explicações equivocadas, imputa-se uma gama de responsabilidades sobre a criança, eximindo-se a escola de sua parcela de culpa na administração e manutenção do fracasso escolar. De maneira contrária a tal pensamento, a escola sendo uma das vias de acesso ao conhecimento, caberia a ela garantir educação de qualidade a todos, assegurando tanto aquisição de conhecimento, como também habilidades cognitivas e competências sociais, especialmente àqueles que mais precisam dela.

Baeta (1993) assinala que estudos mais recentes mostram que as deficiências físicas, biológicas ou carências culturais e nutricionais por si só não explicam as altas taxas de evasão e repetência. Patto (1990, p.123), por meio de levantamentos e pesquisas, denuncia que, embora depois de aproximadamente um século, “mudam-se as palavras, permanece uma explicação: as crianças pobres não conseguem aprender na escola por conta de suas deficiências, sejam elas de natureza biológica, psíquica ou cultural”.

Verifica-se, portanto, que a escola é o veículo da reprodução de ideologia dominante, é seletiva e não garante aos seus ingressantes a igualdade que tanto prega.

Por outro lado, além do fracasso do indivíduo, o fracasso de uma classe social e o fracasso do sistema sócio, econômico e político, há o fracasso da escola, uma vez que as condições da educação da criança decorrem também das características das práticas pedagógicas que lhe são oferecidas.

Em relação ao fracasso da escola, Mello (1993) destaca 10 itens relevantes: má remuneração dos professores; jornadas encurtadas do trabalho do professor para compensar baixos salários; má formação dos professores; jornada encurtada dos alunos; falta de condições mínimas para o processo ensino-aprendizagem; falta ou rotatividade dos professores; ano letivo reduzido por greves, recessos e comemorações; currículo fragmentado; ausência de integração entre as séries e entre as disciplinas, dificultando o trabalho em equipe e a formação de um projeto pedagógico; prédios em péssimas condições de conservação.

Para minimizar o fracasso escolar foram implementados vários projetos e propostas educacionais (Municipalização do ensino básico, CIAC, CAIC, PROFIC, Jornada Única, Ciclo Básico entre outros). Contudo, a instabilidade e a ambigüidade política do país, bem como o discurso demagógico dos governantes, não permitiram que esses projetos tivessem continuidade ou uma avaliação sistemática e consistente dos resultados e, por isso, não alteraram significativamente o quadro educacional brasileiro. “ Afinal há pelo menos seis décadas, as altas taxas de reprovação e evasão são denunciadas e, no entanto, este quadro muito lentamente consegue ser alterado e assim mesmo apenas alguns locais” (BAETA, 1993, P.17).

Tendo em vista o avanço tecnológico e científico pelo qual passa a sociedade contemporânea, a educação volta a ser o centro das atenções uma vez que ficou

relegada ao esquecimento nas últimas décadas, tornando-se apenas assunto técnico e administrativo.

Nessa perspectiva, relocar a educação como centro das preocupações políticas significa levar em conta duas premissas fundamentais: a primeira refere-se a uma profunda reflexão acerca das demandas da sociedade em geral com relação ao sistema de ensino (devido ao avanço tecnológico, ao impacto da informatização, “mundialização” da economia, novos padrões de trabalho e de organização social) voltado para uma melhoria na qualidade de vida; a segunda premissa refere-se à superação em mão-de-obra pouco qualificada e barata, mas que vem se tornando obsoleta.

Tais premissas indicam a necessidade emergente de se deslocar recursos para a melhoria da educação brasileira, não mais a nível de infra-estrutura mas para o investimento no desenvolvimento de habilidades, da inteligência, da criatividade, da capacidade de resolver problemas e da geração, seleção e interpretação de informações.

Tais questões não podem ficar circunscritas a debates e discussões apenas de educadores, professores, secretários etc. A qualidade da educação também está ligada ao fortalecimento e mobilização da sociedade civil.

Considerando-se as colocações acima desenvolvidas, o presente trabalho limitar-se-á a examinar a expectativa do segmento social - família, acerca da escolarização básica, e, através de suas considerações sobre o tema, estabelecer relações entre essas demandas e a função social da escola.

## ■ Problema e objetivos

Schwartzman (1991) discute os problemas da educação básica diante da modernidade.

Para o autor:

“ser moderno, no mundo de hoje, é poder conviver de forma adequada com os instrumentos da racionalidade em todos os seus aspectos - na produção econômica, na organização política, na organização do espaço físico, na previsibilidade da vida e no planejamento do futuro (...). Conviver de forma adequada significa incorporar esses instrumentos, colocá-los a serviço do bem estar de todos e não se deixar seduzir, dominar e destruir por eles” (SCHWARTZMAN, 1991, p..51)

Isso implica que, para se incorporar a modernidade na vida da sociedade, é necessário que a escola viabilize aos educandos condições favoráveis para que eles possam manusear, participar e incorporar os instrumentos básicos da modernidade, que possam estar preparados para enfrentar o mercado de trabalho, exercer seu papel como cidadãos na sociedade e (re) valorizar a ética nas relações sociais.

Diante disso, o problema que se coloca é como a escola básica atual insere-se no contexto da modernidade, quais demandas lhe são solicitadas e as expectativas da família frente a elas?

Para tanto, os objetivos deste trabalho é: investigar junto aos pais suas expectativas em relação ao papel da escola básica na vida de seus filhos; confrontar tais expectativas com a literatura estudada e elaborar uma proposta educacional que possa atender a essas expectativas com relação à educação básica no contexto da modernidade.

## ■ Metodologia

A escolha do segmento social — família — para ser objeto de investigação neste trabalho, deu-se pela necessidade de conhecer as opiniões e concepções dos pais acerca da escolarização básica dos filhos. A autora, educadora da rede pública, vê nas considerações dos pais, um aparato para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico capaz de atender as necessidades reais de sua clientela.

Foram escolhidas famílias que não apresentam vínculo afetivo com a autora; que tenham filhos estudando na escola básica, independente se escola particular ou pública; são pais com profissão liberal ou cargo público e de escolaridade variada. Realizaram-se quatro entrevistas, as quais eram constituídas por 12 questões que englobaram a identificação do sujeito, as considerações acerca de sua escolarização básica e a dos filhos.

## ■ Caracterização da amostra

Os sujeitos selecionados são do sexo feminino, fato que ocorreu devido a sua predisposição em participar do trabalho. Todos são moradores de bairros periféricos da cidade de São Carlos. Sua média de idade é de 41 anos. Um deles tem primeiro grau, dois, segundo grau, e um, curso superior, exercendo, respectivamente, as

profissões de: cabeleireira, funcionária pública, comerciante e médica veterinária. Todos têm filhos na escola básica, seja ela pública ou particular. De um total de 11 filhos dos sujeitos da amostra, apenas 4 não freqüentam a escola básica.

Embora a classe social dos sujeitos não tenha sido critério de escolha, é interessante observar que dois deles têm um nível sócio-econômico mais elevado, e outros dois, menos elevado.

Outra observação que merece destaque é que, embora quatro filhos da amostra não cursem a escola básica, os pais se reportam muitas vezes à passagem deles por ela. A fim de apreender melhor as declarações dos sujeitos, houve a tentativa de gravar os depoimentos, entretanto dois deles sentiram-se inibidos diante do aparelho, fato que suscitou o registro escrito das falas. Convém assinalar que, embora os outros dois sujeitos tenham concordado com a gravação, percebeu-se em suas falas maior censura ao expressarem suas opiniões.

### ■ Análise e discussão dos dados

Ao iniciar esse segmento de análise, é absolutamente necessário frisar a limitação e provisoriedade dos dados coletados. Entretanto, vale a pena lembrar que a realidade não se limita ao dado, ele apenas a sinaliza, apontando possíveis caminhos onde a realidade se construirá.

Aqui, objetiva-se desenvolver uma análise e discussão dos dados referentes às expectativas dos pais em relação à escolaridade básica. O primeiro tema refere-se a uma comparação entre a escolarização dos pais e a dos filhos. A metade dos sujeitos considera que a escola freqüentada por eles foi melhor que a freqüentada pelos filhos. Para justificar sua posição, apontam o nível de ensino mais elevado, maior exigência da escola, maior responsabilidade dos alunos no cumprimento dos seus deveres escolares. Em contrapartida, o restante considera que a escola de seus filhos é melhor do que foi a deles e alegam que sua escolarização tinha nível de ensino fraco, aprendizagem mecânica e metodologia inadequada.

Disso depreende-se que, para os primeiros, o ensino em moldes tradicionais é muito valorizado, a figura autoritária e exigente do professor é relevante para um bom ensino, pautado principalmente na transmissão de conteúdos e nas características individuais do aluno, tais como: responsabilidade, esforço, vontade de estudar.

Interessante observar que um dos sujeitos percebe que a escola deve proporcionar o acesso da criança ao conhecimento, mas só ela (a criança) poderá gerenciá-lo de acordo com suas necessidades presentes e futuras.

Outro aspecto importante nas falas da entrevistada mostra como os pais tolgem a iniciativa dos filhos, quando em determinados momentos, trazem para si responsabilidades e deveres que seriam dos filhos, sendo permissivos em demasia:

**Entrevistada 1** - "...Minha mãe era analfabeta e quando tinha alguma coisa da escola é que tinha que me virar, mãe não queria nem saber! Hoje, os filhos têm tudo...a gente dá muita facilidade, isso prejudica na escola..."

Percebe-se também que os pais estão aflitos e inseguros quanto à educação que eles proporcionam, proporcionaram e proporcionarão aos seus filhos e delegam à escola muitas funções que lhes cabem:

**Entrevistada 3** - "...Se as escolas começarem a EXIGIR dos alunos, os próprios pais teriam que exigir mais dos filhos. Porque hoje, os filhos (alguns) não têm nenhum senso de limite...porque ninguém EXIGE NADA de ninguém."

Nos sujeitos que consideram a escola freqüentada por eles pior que a de hoje, percebe-se que, ao contrário dos anteriores, apegam-se à metodologia, a qual coloca o aluno em contato com a realidade, não se limitando à memorização e aprendizagem mecânica, fato que ocorria em sua época:

**Entrevistada 2** - "Ah, ...a escola do meu filho é bem melhor, na minha época não. Era uma decoreba, aquele monte de verbos, regras...era chato."

Nesse sentido, pode-se afirmar que, de um lado uns valorizam a postura tradicional autoritária da escola; outros a menosprezam. Há um equilíbrio de opiniões nessa questão.

O segundo tema refere-se ao atendimento da escola básica às futuras necessidades profissionais dos filhos e sugestões para que esse atendimento seja mais eficiente.

Três sujeitos acreditam que a escola básica atenderá parcialmente às necessidades profissionais de

seus filhos, justificando que ela dará a base para o início da vida profissional, principalmente com as disciplinas de Português e Matemática; encaminhando à Universidade e/ou ensino profissionalizante a concretização profissional. Apenas um considera que a escola básica não atenderá a essas necessidades, dizendo que exclusivamente a Universidade poderá fazê-lo.

As opiniões dos sujeitos concordantes vão ao encontro da literatura. Segundo Mello (1993, p.33 e 34), “as novas exigências do processo produtivo remetem para a escola a responsabilidade de propiciar um sólido domínio dos códigos instrumentais de linguagem, da matemática e dos códigos científicos.”

Isso posto, resta questionar: estaria a escola proporcionando eficazmente o acesso do aluno a esses conhecimentos básicos?

Dentro desse mesmo tema foi solicitado às entrevistadas que sugerissem como a escola poderia atender melhor as necessidades dos filhos.

Nesse ponto, nota-se a coerência das respostas das participantes, à medida em que elas indicam a necessidade da escola trabalhar mais com a prática em laboratórios, trabalhos manuais, pois como já foi mencionado, para elas a escola é o alicerce para o início da vida profissional.

Percebe-se, assim, os pais transferem para a escola algumas atribuições que são suas e, isso ocorreu várias vezes nas falas dos sujeitos, demonstrando que eles esperam que a escola exija responsabilidade, frequência, disciplina, respeito etc. O que se verifica é que, muitas vezes, os pais se eximem das funções de ensinar aos filhos tais valores por não darem conta das mudanças valorativas que perpassam a sociedade, repassando para a escola tais atribuições. Segundo um dos sujeitos:

**Entrevistada 1** - “...É isso que a escola deveria fazer, dar orientações para os pais com relação ao comportamento dos filhos. Os pais de hoje não sabem como lidar com os filhos e isso a escola deveria ensiná-los a fazer...”

No terceiro tema, foram agrupadas duas questões por causa da semelhança e complementariedade das respostas; são elas: qual sua expectativa em relação ao papel da escola? O que a escola deveria ensinar aos seus filhos?

Nessas, as resposta dos sujeitos abriram-se em três grupos:

- em relação sobre o que ensinar, os sujeitos valorizam os conteúdos, mas não desprezam as habilidades sociais (1);

- naquela que mostrará a expectativa dos pais em relação ao papel da escola, a uma super valorização da socialização, em detrimento dos conteúdos (2);

- outro grupo que emerge dessa questão vê a escolaridade como promotora da mobilidade social (3); aqui convém lembrar que esses sujeitos são de um nível sócio-econômico menos elevado e que possuem expectativas de mudança no padrão de suas vidas e de seus filhos. Tal expectativa não foi cogitada no outro grupo:

**Entrevistada 1** - “Ah... eu espero que meus filhos consigam ser alguém na vida.”

**Entrevistada 4** - “Pode mudar a vida deles em sociedade, profissão...e futuramente pra gente também, porque possibilita alguma melhor pra gente.”

Em relação a esse parágrafo, Schwartzman (1991) afirma que quando uma sociedade se expande, a educação funciona como instrumento de mobilidade social de novos grupos. Se as sociedades estão estagnadas, funcionam como elemento de seleção e discriminação.

Nesse sentido, as afirmações dos sujeitos reforçam aquilo que os autores como Mello (1993), Severino (1991) e outros julgam como desafio para a educação básica. Segundo Mello (1993, p.34), “a formação de competências sociais como liderança, iniciativa, capacidade de tomar decisões, autonomia no trabalho, habilidades de comunicação constituem novos desafios educacionais.”

Para Severino (1991), além dos conteúdos e das técnicas, há de se considerar as relações situacionais, referências existenciais dos sujeitos enquanto relacionadas consigo mesmos, com seus grupos sociais imediatos e com a humanidade como um todo. Isso implica que, no processo educacional os indivíduos possam desenvolver a consciência cognitiva, no plano da aprendizagem, e a valorativa, no plano subjetivo.

Visto que os sujeitos têm um padrão sócio-econômico médio e não necessitam que seus filhos ingressem no mercado de trabalho até terminarem a educação básica, nota-se que eles não percebem as dimensões possíveis entre escola e trabalho. Entretanto, eles levantam pressupostos importantes que se

encaminham para a preparação para o trabalho, uma vez que consideram relevante que a escola desenvolva aspectos individuais como autonomia, iniciativa, liderança, espírito crítico, competitividade, bem como a socialização, aspectos primordiais para se ter uma vida digna na sociedade. As falas a seguir ilustram tal expectativa:

**Entrevistada 3** - “preparação para a vida... essa é a sua maior importância... é importante que a escola prepare para a vida, ensinando a socialização da criança, ela competir, preparando para uma profissão, porque acho que inclusive a escola tem mais chances de abrir o caminho para mostrar a gama de profissões, todas que tem no mundo, muitas desconhecidas”.

**Entrevistada 2** - “ Eu quero que meu filho seja crítico, tenha iniciativa, liderança e que não se acomode na vida”.

O quarto tema refere-se a quais conhecimentos, habilidades e atitudes que os pais julgam necessário a escola desenvolver nos filhos.

Nesta questão, há uma retomada de assuntos já discutidos anteriormente, pois a expectativa dos pais em relação à escola coincide com o desenvolvimento das habilidades, conhecimentos e atitudes que a escola deve desenvolver nos alunos.

Destaca-se aqui a ênfase que eles dão aos conteúdos, só que nesse aspecto, frizam o aprofundamento dos mesmos de acordo com a faixa etária da criança, redimensionando-os, atribuindo-lhes valor fundamental para a cultura geral da criança, que futuramente irá decidir o que fazer com eles. Severino (1991, p. 62) escreve: “é óbvio que quando se colocam os objetivos da educação de maneira assim geral, é preciso especificá-los considerando-se as faixas etárias dos sujeitos”. Para ilustrar, alguns trechos das falas:

**Entrevistada 3** - “Matérias básicas: português, matemática, inglês, química, física, geografia. Eu acho que inglês deveria começar na primeira série, uma criança mais novinha tem mais facilidade para começar ouvir as palavrinhas desde pequenininha... acho que em relação a física deveria começar com ciências e ir evoluindo. Geografia idem...por aí... conteúdos e vida em sociedade”.

**Entrevistada 1** - “A escola deve dar...ensinar tudo: português, matemática, ciências etc. É com

isso que elas vão se virar, trabalhar, usar da maneira que quiser o que aprendeu na escola”.

Observa-se que os pais vêm, na transmissão de conteúdos, a preparação da criança para enfrentar as diversidades do mundo atual, destacando o ensino de língua estrangeira, computação e leitura. Essas considerações remetem para a literatura específica ao afirmar que o aluno deve ter o domínio básico da linguagem, da matemática e conhecimentos científicos para poder se apropriar mais tarde de outras linguagens mais complexas que fazem parte do mundo moderno.

Contudo, constata-se nas respostas dos sujeitos que não só a aquisição de conteúdos é valorizada, mas também o aspecto socializador<sup>1</sup> que, para eles, a escola deve desenvolver. Quando a instituição escolar une conteúdos e socialização, está preparando a criança para a vida e para o trabalho. Tal feito não tem ocorrido na escola, pois, ao privilegiar um desses aspectos, relega ao segundo plano o outro:

**Entrevistada 2** - “Em primeiro lugar a instrução, mas não só isso, deve desenvolver a arte, o esporte, porque isso ajuda a criança, ela se volta, participa mais da escola, cria mais vínculo, se socializa, e isso é muito importante para a vida”.

Acresce-se ao que foi colocado acima a ênfase nas habilidades manuais - o aprender a fazer, pois, segundo os sujeitos, o fazer vai ajudar futuramente o profissional, já que somente o contato com a teoria não preenche todos os requisitos para a formação completa do indivíduo. Depreende-se também que, de acordo com a visão dos sujeitos, os trabalhos manuais (costura, bordado, marcenaria) deveriam ser desenvolvidos na escola básica, pois trariam oportunidades para crianças que precisassem ingressar no mercado de trabalho precocemente. Para outros, os trabalhos manuais não necessitam ter essa conotação profissional, tendo como fim apenas integrar e socializar as crianças.

Finalmente, convém lembrar Severino (1991), quando coloca que, para dar aos educandos a apropriação dos conteúdos cognitivos, o domínio das habilidades técnicas e a percepção das relações situacionais, é necessário um investimento maior em todas as dimensões do processo educacional, desde a escola básica, entretanto com níveis variados de aprofundamento em função da faixa etária das crianças.

Outros dados apresentam-se menos significativos em relação aos itens anteriormente descritos e, por isso, serão discutidos brevemente.

No que concerne aos fatores que interferem no trabalho escolar, os sujeitos apontam itens já discutidos: indisciplina, falta de respeito, pouca exigência etc. Como fato novo, arrolam os livros didáticos fracos, a greves e substituições constantes dos professores. Essa percepção nos conduz à introdução deste trabalho, em que Mello (1993) aponta os 10 itens do fracasso da escola.

Com relação às greves da escola pública, um deles levanta “a ausência de patrão na escola”, a qual leva ao descompromisso do professor com o trabalho pedagógico; outro considera que a greve não é problema dos pais e alunos e sim do governo:

**Entrevistada 4** - “Se eles ganham pouco... os pais não têm culpa”.

O que se nota é que os sujeitos não têm uma visão global do problema, vendo-o de maneira individual e parcelada, descolado do contexto sócio-econômico e político.

Outra questão relevante está no fato de que dois sujeitos consideram que a distribuição de merenda e atendimento médico-odontológico não é atribuição da escola, sua atribuição é exclusivamente ENSINAR.

Outro dois acham o contrário, pois como a escola pública recebe uma clientela de nível social variado, ela deveria atender não só com merenda, mas também com assistência psicológica, fonoaudiológica, médico-odontológica etc.

Em relação aos materiais utilizados pela escola, os sujeitos acreditam que são suficientes para o atendimento às crianças. Esse fato decorre do poder aquisitivo dos sujeitos que provavelmente têm condições financeiras para suprir as necessidades de seus filhos.

Em se tratando da participação dos pais na escola, eles consideram-na muito importante, uma vez que crêem que a parceria entre escola e família promove trabalho pedagógico. Tal afirmativa é contrária à perspectiva das escolas que reclama da falta de participação das famílias. Por outro lado, os pais chamam a atenção para a pouca ocorrência de chamados pela escola:

**Entrevistada 2** - “Acho muito importante a participação dos pais na escola. O pai que ouvir, quer participar...A escola chama pouco...Não

deveria chamar eles só nos dias de festas. A falta dos pais na escola acarreta demais os professores”.

Essa visão dos sujeitos reforça a afirmação de Schwartzman (1991, p.58) que diz: “o apoio familiar à atividade da escola é, sabe-se hoje, o fato mais decisivo para garantir o sucesso da atividade pedagógica que a escola desempenha (...)”, pois, como foi escrito, a qualidade da educação passa pela mobilização de toda a sociedade civil.

Em relação à comparação da qualidade de ensino entre escola pública e privada, as respostas foram incompatíveis. Percebe-se que o sujeito que tem filhos na escola particular considera seu ensino melhor, todavia acredita que a escola pública favorece a vida em sociedade, pois coloca os alunos em contato com outros de níveis sociais diferenciados. Outro sujeito acredita que ambas são iguais, pois o professor que atua na pública, atua também na particular, e que alunos fracos existem nas duas instituições. Outros dois sujeitos concordam que a escola pública é melhor. Um deles refere-se à nova metodologia que foge do convencional; em contra-posição, o outro sujeito, apesar de referir a escola pública, acredita que somente na alfabetização a escola particular é melhor, pois se utiliza cartilha no ensino da leitura e escrita.

Infelizmente, é difícil fazer uma análise ou reflexão desse tópico, uma vez que houve uma diversidade de opiniões, as quais, na maioria das vezes, foram ao encontro das necessidades pessoais dos sujeitos.

Concluindo, foram levantados na análise e discussão dos dados quatro grandes temas. Eles mostram de maneira até um tanto superficial, dado o número irrisório de sujeitos que participaram das entrevistas, a expectativa do segmento social - família no que diz respeito à escolarização básica dos filhos em relação ao desenvolvimento de habilidades e conhecimentos que habilitem a criança para a entrada no mercado de trabalho. Assunto o qual a literatura considerada como desafio para a educação básica brasileira, visto que está se vivendo em uma era onde as pessoas estão cada vez mais expostas aos avanços tecnológicos, e têm a necessidade não só do convívio, mas também da incorporação dos mesmos; isso é fato imprescindível.

Nessa perspectiva, vem à tona o questionamento: até que ponto a escola básica está preparando os educandos para o novo mundo que se apresenta? Como

a família vê a escolarização fundamental como promotora de habilidades, como conhecimentos e atitudes que sirvam para a inserção dos alunos no mundo moderno?

Foi esse o objetivo do trabalho que tentou confrontar as opiniões e expectativas dos pais de acordo com o que diz a literatura. A partir desse confronto, pode-se concluir que há uma concordância relativa entre as opiniões dos pais e as da literatura, principalmente no que diz respeito:

- quanto ao nível de qualidade de ensino da escola freqüentada pelos pais e a freqüentada pelos filhos (suas opiniões nortearam as demais questões propostas);

- quanto às expectativas deles em relação ao papel da escola no que ela deve ensinar;

- quanto ao atendimento das necessidades profissionais dos filhos;

- quanto aos conhecimentos, habilidades e atitudes que a escola deve desenvolver.

De acordo com a precariedade dos dados, essa reflexão é ainda um esboço, apenas um fio condutor para futuros empreendimentos.

Há de se aprender junto à comunidade novos dados que complementem e enriqueçam os já obtidos, para que a escola básica seja um caminho para o sucesso e não para o fracasso, coisa que vem acontecendo há décadas e décadas.

## ■ Proposta educacional

Diante do exposto, tentar-se-á elaborar uma proposta educacional que atenda as expectativas já delineadas.

Uma das preocupações que se destacam nas falas dos sujeitos diz respeito principalmente aos aspectos socializadores e conteúdos e, superficialmente, no que se refere às expectativas cognitivas e conhecimento científico.

Essas concepções superficiais só nos foi possível detectar após a análise minuciosa dos dados; entretanto, acredita-se que, durante a coleta, se houvesse um aprofundamento dos dados, muitos aspectos seriam explicitados.

Como isso não ocorreu, o trabalho limitar-se-á a desenvolver uma proposta educacional para a clientela escolar, pautada nos conteúdos e nos valores e atitudes evidenciadas pelos pais.

Mesmo sabendo da necessidade emergente de um projeto político, econômico e social para se ter uma

melhor qualidade de vida todos os cidadãos e sabendo que esse é um processo lento que envolve decisões políticas importantes, um trabalho contínuo dos governantes e sociedade civil, acredita-se que a alternativa para alterar o quadro educacional ocorre dentro da microestrutura - a escola.

Antes de mais nada, faz-se necessário que a escola tenha um projeto pedagógico, que ela saiba definir seus objetivos reais e não ideais, saiba a quem, para quê, por quê e como estes objetivos estão servindo.

Neste trabalho utilizou-se, como referência, a definição de currículo de Torres (1994, p. 14) que diz que “uma definição ampla de currículo incluiria conteúdos e objetivos, a sim como critérios de avaliação, não se limitando à instrução, abrangendo as relações e aprendizagens sociais”.

Percebe-se que as expectativas dos pais em relação ao papel da escola, aproxima-se muito dessa definição, à medida em que eles acreditam na importância dos conteúdos e nas aprendizagens sociais.

Reforçando tais prerrogativas, é absolutamente necessário que uma proposta pedagógica da escola construa-se coletivamente, a fim de atender as reais necessidades e possibilidades dos usuários, demandadas pela sociedade. É lógico que, paralelamente, a de se trabalhar com a equipe escolar no sentido de fazê-la assumir e incorporar essa proposta coletiva.

Os entrevistados referem-se ao aprofundamento de conteúdos básicos que a escola deve propiciar aos alunos. Da mesma forma, Mello (1993) afirma que é desafio da escola proporcionar aos alunos o domínio da linguagem, da matemática e dos conhecimentos científicos.

Sabe-se, portanto, que a instituição educacional não tem dado conta desse desafio, uma vez que a literatura constata uma lacuna entre avanço tecnológico e conhecimento escolar. Dessa maneira, que aspectos deveriam ser priorizados pela escola para suprir essa lacuna?

No caso, acredita-se que a escola ministra um ensino fragmentado dos conteúdos, desarticulado da realidade e pautado apenas nos conhecimentos que o professor domina, ou seja, um saber autoritário.

Diante disso, o que se tem visto é um aprendizado mecânico, castrador que não valoriza aquilo que o aluno carrega de seu meio. Quando não se valoriza o aprender a aprender, quando não se tem uma interação entre professor e aluno – ensinando/aprendendo – está se



reforçando uma atitude passiva e receptiva do aluno, que não lhe dá margem para ultrapassar o conhecimento imediato.

Portanto, é urgente, dentro da escola, a adoção de uma proposta pedagógica principalmente um rompimento com os moldes de ensino-aprendizagem tradicionais, onde o professor passa a ser aprendiz e, num discurso dialógico, (re)constrói o conhecimento junto com a aluno, o que possibilitará no ensino fundamental, o domínio efetivo dos conhecimentos básicos.

### **Uma proposta para Linguagem e para a Matemática**

A língua nacional é o meio pelo qual a criança vai se aprimorar e ampliar todos os outros conhecimentos.

Não se pode esquecer que, ao entrar numa sala de aula, a criança já fala, já adquiriu o processo natural da oralidade e não é através da sistematização de símbolos lingüísticos que ela vai ampliar o seu uso da língua.

Por isso, a valorização da expressão oral é extremamente importante, pois através dela não se ativa somente a capacidade de uso lingüístico, mas também se dá voz às hipóteses pessoais. Esse é um meio para que essa criança não se omita no futuro.

Quando a criança tem oportunidade de se fazer ouvir e quando isso é respeitado pelo professor e pelos alunos, concordando ou não com suas colocações, está se desenvolvendo nesses educandos a iniciativa, a criticidade, a autonomia, o respeito etc.

Outro aspecto a ser salientado no ensino da língua apóia-se na leitura e produção escrita. Nesse ponto, o importante é a interpretação, é ter uma visão crítica sobre o que foi lido e, se possível, extrapolar o texto, relacionando-o com outros conhecimentos e/ou vivências.

É nesse processo dialógico que a produção escrita se efetiva. É impossível dissociar a expressão oral da escrita – ambas se complementam.

Assim, desenvolver esses dois aspectos da língua é fazer com o aluno um exercício para a cidadania.

No que se refere ao ensino da matemática, também se percebe, como na língua, um ensino voltado apenas para o desenvolvimento de capacidades que envolvem o raciocínio, a dedução, a abstração. Tirando dela o seu papel prático e de descoberta, sem articulação com a vida cotidiana, fazendo com que a matemática

transforme-se num “bicho de sete cabeças” para as crianças.

Verifica-se dessa forma a necessidade de junção, ou seja, voltar o ensino da matemática para seu uso prático, juntamente com o desenvolvimento das capacidades acima citadas, a fim de que ela se torne um “trampolim” para o acesso a novos conhecimentos.

Acresce-se a isso que, tal qual como a aquisição da língua, o conteúdo matemático, de acordo com a metodologia, postura e didática adotados pelo professor, possibilita o desenvolvimento de valores e atitudes nos alunos. Cumpre ainda salientar que nem todos os conteúdos estão vinculados ao desenvolvimento dos mesmos.

Nota-se que na fala dos sujeitos há uma contradição no que concerne ao desenvolvimento de valores e atitudes, eles arrolam valores como: disciplina e respeito, só que sob a ótica da norma, do que é desejável. Querem que a escola desenvolva nos alunos valores e atitudes como solidariedade, autonomia, criticidade, liderança, iniciativa, só que não percebem que tal desenvolvimento não se dá através da imposição, ele ocorre paulatinamente ao longo da vida do indivíduo. Nesse aspecto, é necessário que o aluno tenha capacidade para compreender aquilo que esperam dele, a fim de que consiga edificar atitudes estáveis.

Outro ponto que merece destaque nessa preocupação em desenvolver atitudes e valores é a percepção, em suas falas, do não cultivo das mesmas, apoiando-se muitas vezes numa visão muito particular e acrítica do mundo.

Como se vê, o desenvolvimento das atitudes e valores são intrínsecos à ação educativa intencionalizada; dá-se também na interação pedagógica, e, para tanto, a postura do professor é fundamental, no sentido de fazer aflorar e incentivar essas características.

Uma proposta pedagógica passa pela organização coletiva de um trabalho educativo, onde se destaca o delineamento de objetivos, conteúdos e avaliação que levem ao desenvolvimento de capacidades de tomar atitudes nos educandos.

Para tanto, a postura didática e pedagógica do professor é essencial, sem ela tais objetivos não terão chances de serem alcançados. Dessa maneira, a interação da equipe escolar e, principalmente, a interação entre professor e aluno é fator decisivo para que, pelo menos uma parcela da população, alcance o sucesso tão almejado e não fique à margem da sociedade com o

fracasso escolar.

Por fim, não há como fugir da urgência de se propor alternativas para a educação, alternativas que permitam encarar o próximo milênio com base na democratização. Sem a ampliação da construção da cidadania, a interação do Brasil no primeiro mundo continuará a ocorrer à custa de exclusão da maioria, e o preço social, político e ético dessa exclusão será certamente muito maior do que pagamos hoje.

### ■ Referências Bibliográficas

BAETA, A.M.B. - *Fracasso Escolar: mito e realidade*. Série Idéias 6: Toda criança é capaz de aprender ? - SP. FDE, 1992, 17:23.

COLLARES, C.A.L. e MOYSÉS M.A.A. *Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização*. São Paulo, Cortez, 1996.

MELLO, G.N. *Cidadania e Competividade: desafios educacionais do terceiro milênio* - SP, Cortez, 1993.

PATTO, M.H.S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1990.

RIBEIRO, S.C. *A Pedagogia da repetência*. In Revista de Estudos Avançados, 1991, 12(5), 7;14.

SCHWARTZMAN, Simon. *Educação básica no Brasil: a agenda da modernidade*. Revista de Estudos Avançados (USP), vol.5, nº.13, São Paulo, Dec. 1991.

SEVERINO, A.J. *A escola de 1º grau: organização e funcionamento*. Série Idéias 11: A didática e a escola de primeiro grau, SP, FDE, 1991, 39:68.

SUCUPIRA FILHO, E. *Textos Críticos e Dialéticos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pontes, 1990.

TORRES, R.M. *Que (e como) é necessário aprender?: necessidades básicas da aprendizagem e conteúdos curriculares*, Trad. Tália Bugel, Campinas, SP: Papyrus, 1994.

### ■ Notas

<sup>1</sup> De acordo com os depoimentos, entende-se por aspecto socializador a arte, o esporte, o respeito, a disciplina etc.